

Casas, património, civilização

Nomos versus physis no Pensamento Grego

Maria de Fátima Silva

Maria do Céu Fialho

Maria das Graças de Moraes Augusto
(coords.)

A DIFÍCIL BUSCA DA EUDAIMONÍA
ENTRE NÓMOS E PHÝSIS EM AVES DE ARISTÓFANES
The difficult search for eudaimonía
Between *nómos* and *phýsis* in Aristophanes' *Birds*

MARIA DE FÁTIMA SILVA
Universidade de Coimbra
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
fanp13@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5356-8386>

RESUMO – O desencanto que dois Atenienses – Pisetero e Evélpides – manifestam, em *Aves* de Aristófanes, exige-lhes, como solução perentória, o exílio sem regresso, numa fuga às que são as pechas cidadinas de que a sua cidade se tornou modelo. No entanto, o propósito que pretendem atingir vai sendo modelado, à medida que a ‘odisseia’ vivida por ambos se desenrola. Da busca de uma *phýsis* genuína, que os liberte dos defeitos do *nómos* citadino, ambos evoluem para o projeto de uma reforma do modelo urbano que conhecem, de modo a obter, como garantia de felicidade, a desejável harmonia entre *phýsis* e *nómos*, na que passa a ser paradigma de ‘cidade ideal’, a fantástica Nefelokokkugia.

PALAVRAS CHAVE – comédia, utopia, sátira política.

ABSTRACT – The disappointment felt by two Athenians – Peiseterus and Evelpides –, in Aristophanes’ *Birds*, forces them, as a last solution, to exile, running away from the urban defects existent in their own city. But their purpose will be changed along with their adventure. They begin by looking for a genuine *phýsis*, able to free them from the vices of *nomos*, but then they progress to a reform of the model of city they are accustomed to, in order to obtain, as a guarantee of happiness, a desirable harmony between *phýsis* and *nómos*. This happens in a paradigmatic, ideal city, Nephelokokkugia.

KEYWORDS – comedy, utopia, political satire.

INTRODUÇÃO

Como tantos outros humanos de todos os tempos, desencantados com todas as agressões que o quotidiano da cidade lhes reserva, os Atenienses Pisetero e Evélpides, em *Aves* de Aristófanes, procuram no exílio refúgio e tranquilidade. Mas porque vivem o papel de heróis numa ficção cômica, não se satisfazem com qualquer ‘simples’ – ou não será antes sempre ‘complexa’? – expatriação. O que visam, como primeiro plano de fuga, é nada menos do que trocar Atenas, com todos os seus defeitos, pelo mundo das aves, onde a natureza pura ainda impera¹.

¹ Aspiração equivalente parece ter inspirado Ferécates nos seus *Selvagens* (420 a. C.); cf. Platão, *Protágoras* 327d.

Um trajeto de antípodas, que os liberte dos *nómoi* que conhecem – e detestam – a caminho do extremo oposto, uma *phýsis* intocada e genuína. Na verdade, as aves não só vivem num outro ambiente natural; existem ainda num tempo ‘arqueológico’, pré-civilizacional, onde nem o próprio conceito de ‘cidade’ é conhecido. *Phýsis* e *nómos* são, portanto, no ponto de partida da ação dramática, dois conceitos opostos, um que se deseja como perfeito, outro que se abandona como viciado.

Ao contrário do que é nele uma preferência reconhecida pelo ‘lavrador’ como cidadão ideal – corporizado nos seus Diceópolis ou Trigueu –, Aristófanes escolhe desta vez como protagonistas da aventura dois cidadãos por excelência, a quem atribui a concepção de um plano de conquista de uma *eudaimonía* completa. Sem dúvida que ambos reconhecem como é insuportável viver numa cidade como Atenas, de onde partem num exílio sem regresso. Só que o ‘vício’ urbano é neles tão enraizado, que o refúgio simples dos alados, quando olhado de perto, não responde também aos seus anseios. Nem mesmo o pode fazer, entre as cidades conhecidas, qualquer outra, diferente da sua. Só lhes resta, então, fundar uma nova, produzir o milagre de converter um *pólos*, “um lugar”², numa *pólis*, “uma cidade”. Ou, dito de outro modo, conciliar *phýsis* e *nómos* numa harmonia profunda e proveitosa. Para tal necessitam de um modelo. E esse encontram-no, apesar de tudo, em Atenas, numa Atenas depurada, é certo, livre das pechas que a deturpam – os interesses das gentes que nela vivem –, mas, na sua essência, respondendo aos requisitos mais exigentes. Bastaria livrá-la dos vícios que o seu funcionamento apresenta, dos tipos humanos que a perturbam, e tudo teria para corresponder ao projeto de uma *pólis* perfeita.

É através do convívio com os animais – as aves, neste caso – que os aventureiros abrem caminho à transformação do seu mundo. Sob a orientação dos alados, reencontram-se com uma *phýsis* genuína, não como um objetivo final, mas como um ponto de passagem para o projeto maior de ‘recriar’ uma cidade. Na história, os deuses participam como inimigos, adversos a um padrão de vida que esbarra com os seus interesses egoístas. Por isso são forçados a ceder a autoridade e a submeter-se ao novo poder que já se afirma. A vitória cabe, então, sem concorrência, ao talento humano, feito de criatividade, de capacidade persuasiva, de voluntarismo, que aos Atenienses nunca faltaram, para os tornar capazes de reformar ... até o universo.

² O próprio evoluir da peça vai proporcionar um esclarecimento do sentido desta palavra (179-182). Pisetero, perante as dúvidas de Tereu, encarrega-se de clarificar a questão: “Tereu – ‘Orbe’ (πόλος)? Que é isso de ‘orbe’? Pisetero – É como quem diz, ‘o lugar’ (τόπος) delas. Só que, como gira e tudo cá vem parar, é conhecido hoje em dia por ‘orbe’”. Sobre o significado de πόλος como “esfera celeste”, cf. Ésquilo, *Prometeu* 429, Eurípides, *Orestes* 1685. Konstan 1995: 35, a propósito desta condição natural, fala de *anomia*, o lugar que se distingue da realidade pela ausência de *nómoi*.

A METAMORFOSE EM PROGRESSO

“Errar por montes e vales” (ἄνω κάτω πλανύττομεν, 3) é a expressão que sugere o grande propósito de Pisetero e Evélpides: a reforma do que se conhece com o achado de outra fórmula que se intenta descobrir. Com esse objetivo os dois aventureiros são lançados numa viagem, desde a *Odisseia* o símbolo tradicional da busca de uma identidade ou de um destino, através de um trajeto longo e penoso. Em *Aves*, as agruras do itinerário são expressas simplesmente pelo vazio, pela neutralização do espaço, concretizado numa espécie de “não lugar”, que a linguagem, mesmo sem recurso ao consagrado termo “utopia”, se encarrega de estabelecer. Os dois Atenenses interrogam-se já sobre “em que lugar da terra” (ποῦ γῆς, 9) se encontram; constatam que no terreno que pisam “deixou de haver caminhos” (21-22); reconhecem que a solução da sua aventura está justamente em “conseguir descobrir o (seu) caminho” (ἔξυρεῖν δύνασθαι τὴν ὁδόν, 29), uma fórmula, compatível com o contexto de viagem, para exprimir ‘transformação’.

Mas se pisam o vazio, o desconhecido, não perderam o sentido nem da origem, nem do alvo que procuram. Talvez para vincar bem o elo que os liga ao que deixaram, Atenas é referida como “a pátria, a nossa terra” (πατρίδα, 10, 35), enquanto o destino, esse estabelecido desde a hora da partida, é o mundo da passarada (16). E, em consequência, não perderam igualmente a noção da metamorfose que o próprio percurso simboliza. Para a sua transformação assumiram de resto um paradigma, o de Tereu, buscado no mito como é da tradição, também ele, de homem, metamorfoseado em ave (15-16)³, de modo a que a ação em que estão envolvidos se transforme numa espécie de paródia de um tema conhecido e com foros de tragédia⁴. Sem se esquecerem da condição inicial de que pretendem abdicar, a de “cidadãos entre os cidadãos” (ἄστοι μετ’ἀστών, 34; cf. 32), Atenenses de legítimo direito, enfaticamente sublinhada porque nela reside, em embrião, a fantasia do poeta.

³ Segundo o mito, Tereu, soberano da Trácia, desposou Procne, filha de Pandión, rei de Atenas. Fascinado pela doçura da voz de Filomela, sua jovem cunhada, simulou a morte de Procne – a quem encarcerou e cortou a língua – para convencer o sogro a entregar Filomela ao seu amor. A esta traição, Procne respondeu com a mais terrível das vinganças; despedaçou Ítis, o filho do casal, e serviu ao progenitor as suas carnes. A revolta de Tereu determina a intervenção divina, que se concretiza numa tripla metamorfose: de Procne em andorinha, de Filomela em rouxinol e de Tereu em poupa. Com variantes, o mito despertou o interesse dos poetas ao longo da literatura grega; cf. *Odisseia* 19. 518-523; Hesíodo, *Trabalhos e Dias* 568; Sófocles, *Tereu* (cf. *Aves* 100 sqq.).

⁴ O próprio Tereu cómico não deixará adiante (100-101) de recordar “o triste estado a que Sófocles o reduziu nas suas tragédias”, aludindo à tragédia intitulada justamente *Tereu*. Tanto quanto os fragmentos permitem perceber, a Tereu Sófocles atribuía comportamentos de bárbaro (frs. 581, 583, 584, 587), mas não parecia explorar o exterior alado que se sucedia à metamorfose.

Dessa “pátria” que se vai diluindo na distância, os dois cidadãos a caminho do exílio enunciam, ainda que de forma inconsciente no momento, igual metamorfose. É certo que a sua intenção confessa não é ainda, por enquanto, ‘metamorfosar’ também Atenas numa outra cidade à medida das suas preferências. Essa é uma surpresa que o evoluir da peça lhes (e nos) reserva. Mas nem por isso deixam de estar conscientes do ponto de partida e do de chegada, como das que são as radicais diferenças que os separam. De Atenas podem reconhecer que não era propriamente “a cidade” (τὴν πόλιν, 36) que detestavam. Nela se reviam com orgulho, “por ser grande, de seu natural feliz e aberta a todos” (μεγάλην εἶναι φύσει κευδαίμονα καὶ πᾶσι κοινήν, 37-38)⁵. Ou seja, a cidade em si “naturalmente” detinha todos os requisitos da verdadeira *eudaimonía*: além da dimensão, a capacidade de garantir felicidade aos habitantes e de se abrir a um generoso cosmopolitismo – qualidades que hão-de assistir também, como elementares, a Nefelocógiã sempre em grau superlativo.

Sofre, no entanto, de um defeito enorme, suficiente para convidar ao exílio os seus cidadãos: a obsessão pelos processos judiciais (40-41)⁶. Por isso, em total oposição, Pisetero e Evélpides procuram “um lugar tranquilo”, onde possam viver. Τόπος ἀπράγμων (44) é uma expressão feliz; desde logo porque, na ‘privação do mal’ contida no qualificativo – ἀπράγμων, “sem questões” –, reside um primeiro sentido de felicidade; não é necessário acrescentar nenhuma benesse à ideia de «Atenas» para que a *eudaimonía* exista, basta abater do seu quotidiano as eternas perseguições judiciais. Por outro lado ἀπράγμων parece um qualificativo incompatível com πόλις, pelo menos de acordo com o modelo ateniense e o seu conceito de ‘utilidade pública’⁷, e oportuno para um simples τόπος, “um lugar”, mais próximo de *phýsis* do que de *nómos*. No entanto, o verdadeiro objetivo dos que persistem dois cidadãos – apesar de todos os desencantos – ganha precisão quando Evélpides anuncia (46-48): “O nosso destino é Tereu, a Poupá, a quem queremos perguntar se, nas andanças que fez pelos ares, viu uma cidade deste tipo (τοιαύτην ... πόλιν)”. Fica agora claro que não está em causa descobrir um simples «lugar» ἀπράγμων, mas encontrar uma “cidade” a que se

⁵ Cf. Tucídides 2. 39. 1, como testemunho do orgulho que os Atenienses sentiam pelo cosmopolitismo da sua cidade, “aberta a todos”, ao contrário da exclusão de estrangeiros que Esparta tendia a praticar.

⁶ A obsessão dos Atenienses por processos é matéria de constantes referências paródicas na comédia; cf. *Aves* 1286 sqq., 1479, *Cavaleiros* 50, 1089, *Nuvens* 207 sqq., *Paz* 54 sqq., *Vespas passim*.

⁷ Uma vez mais o testemunho de Tucídides vem mostrar que, na Atenas concreta, o estatuto de ἀπράγμων não era tido em boa conta, mas entendido como sinal de ‘inutilidade’ cívica; cf. Tucídides 2. 40. 2, 6. 18. 7. Mastromarco, Totaro 2006: 117 chamam, no entanto, a atenção para a valorização que o termo ganha em Aristófanes, quando aplicado “a cidadãos vítimas da atividade desestabilizadora da vida tranquila, desencadeada por demagogos (como Cléon) e os sicofantas” (*Cavaleiros* 261, *Nuvens* 1007, *Vespas* 1040).

possa aplicar igual epíteto. Essa a dificuldade (quase) insuperável: livrar uma cidade, mesmo a que tem tudo para ser feliz, dos defeitos com que os homens a contaminaram.

Estão enunciados, com minúcia, os ingredientes da alquimia; importa agora executar a fórmula para obter o milagre.

A INCOMPATIBILIDADE ‘NATURAL’ DE *PHÝSIS* E *NÓMOS*

O primeiro contacto com o destino pretendido – o mundo das aves – faz-se através de um porteiro, por antecipação no acesso ao verdadeiro interlocutor que Pisetero e Evélpides demandavam, Tereu, a Poupa. As informações que por ambos, escravo e senhor, lhes são prestadas coincidem, contribuindo apenas para apurar e exprimir em tons diferentes uma mesma realidade. Porque afinal ambos partilham uma experiência comum e verdadeiramente paradoxal: a de antes de serem aves, terem sido homens, o que os torna um cúmulo de traços incompatíveis de acordo com *phýsis* e *nómos*.

O primeiro contencioso que assinalam tem a ver com a dieta alimentar⁸, um fator de base na própria sobrevivência fisiológica. Como homem que foi, Tereu mantém preferências por petiscos privilegiados entre os cidadãos atenienses – as anchovas do Falero⁹ ou um bom puré de legumes –, para o que lhe são necessários apetrechos de ‘alguma sofisticação’, uma colher e uma panela (75-79). Mas como ave, adaptou-se já a um menu de “mirtos e mosquitos” (82), sobre o qual dorme a sesta a que uma boa refeição convida, ou não fosse essa uma prática elementar na comunidade a que a sua condição de alado o levou a aderir. O próprio Tereu virá a diversificar a ementa, sem sair da espontaneidade natural da proposta alimentar das aves: “É de sésamo branco, mirto, papoilas, hortelã, apanhados nos jardins que nos alimentamos” (159-160).

Além da dieta, os homens fizeram do dinheiro outra condição de sobrevivência, desta vez coletiva. Nos limites estreitos das cidades, dominadas por

⁸ As diferenças na dieta alimentar foram exploradas pelos geógrafos e historiadores, como Heródoto, para estabelecer contrastes entre as diversas comunidades humanas. O que cada grupo étnico come espelha o próprio estágio de civilização em que se encontra, sendo os alimentos naturais próprios de sociedades remotas e ainda não tocadas pelo progresso, e os manipulados consumidos por comunidades consideradas mais desenvolvidas. Cf., e. g., o caso dos Citas em Heródoto: a dieta que praticam depende dos produtos lácteos (4. 2), dos frutos das árvores que podem consumir misturados com o leite (4. 23. 2-3), da caça para certas tribos (4. 22), como ainda de alguns produtos agrícolas no caso dos grupos étnicos que trabalham os campos (4. 17-18); a abundância de rios assegura-lhes uma água pura e fresca, peixes de excelente qualidade (4. 53), além de erva viçosa para a alimentação do gado (4. 58). O vinho ou outros produtos manipulados estão ausentes da sua prática ou sequer conhecimento.

⁹ As anchovas do Falero, capturadas na costa leste da Ática, figuravam entre os petiscos mais apreciados da gastronomia ateniense. São numerosas as referências feitas pela comédia a esse petisco de eleição: cf. *Acarnenses* 901, *Cavaleiros* 644 sqq.

uma lógica de πράγματα – os negócios (empréstimos e dívidas), 114-116 –, o dinheiro é tão indispensável como o pão de cada dia. Enquanto entre as aves, porque é ilimitado ou indefinido o espaço em que se movem (117-119), reina a ἀπραγμοσύνη, a isenção dos negócios, e com ela, a neutralização do interesse pela riqueza (157). Um simples ἀ-privativo cava um fosso largo entre duas concepções de vida, nesta importante matéria.

Conscientes destas diferenças essenciais, os dois visitantes ensaiam, mesmo assim, uma conciliação (121-122). E avançam com uma tentativa de encontrar, não já entre as aves – cuja proposta claramente os não entusiasma –, mas no mundo amplo que elas nos seus voos dominam, uma cidade, que somasse, paradoxalmente, as vantagens de *phýsis* e *nómos* (120-122): “viemos suplicar-te se nos podés indicar uma cidade feita de boa lã (πόλιν ... ἔυερον), onde nos possamos estender como numa manta bem macia”. A imagem convida à ideia de conforto, tranquilidade e lazer que a desejável ἀπραγμοσύνη proporciona. E especificam, num desdobramento do seu desejo: em tamanho, não a querem “maior do que Atenas” (μείζω τῶν Κραναῶν ... πόλιν / μείζω μὲν οὐδέν, 123-124); querem-na, isso sim, “mais a seu gosto” (προσφορωτέραν, 124) – “muito aprazível” (ἦδιστ’ ... πόλιν, 127) e, de preferência, “helénica” (Ἑλληνικὴν ... πόλιν, 148); se da dimensão passarmos à organização interna, querem dela banida a noção de “aristocracia” (125); e, se πράγματα lá houver, considerando agora o quotidiano, que não passem daqueles que garantem comida farta e sexo prazeroso, à boa medida da comédia (128-142). Estas são, numa encomenda apressada, as condições indispensáveis à satisfação do que procuram.

As sugestões adiantadas por Tereu, numa tentativa de responder aos requisitos enunciados, mostram um mau entendimento do que seja uma εὐδαίμων πόλις (144), ou a simples incapacidade de identificar o que não existe. Daí que nenhuma das suas propostas tenha aceitação. Mas o espectador atento não deixará de registar que o modelo de vida praticado pelas aves (ὁ μετ’ ὀρνίθων βίος, 155) não lhe ocorre como um exemplo a seguir. E quando expressamente questionado por Evélpides sobre essa hipótese evidente, Tereu responde com um desapontado “Não é desagradável, com a continuação” (οὐκ ἄχαρις εἰς τὴν τριβὴν, 156), o que exclui a *phýsis* pura como uma solução de perfeita *eudaimonía*.

É aí que o plano salvador se impõe a Pisetero: se entre o que existe, mais ou menos urbanizado, nada corresponde ao que pretende, resta uma última possibilidade: a de se criar uma nova *pólis*, produzindo em simultâneo uma dupla metamorfose, a do πόλος das aves e a da πόλις dos homens, de modo a obter a desejável conciliação global (162-163). Esta evolução no projeto inicial vai ser a seguir comunicada às aves, as parceiras necessárias de tão ousado empreendimento. Tereu começa por justificar a vinda dos dois humanos como guiados pelo desejo de se acomodarem ao regime de vida dos alados (412-415; cf. 324): “A paixão que sentem pelo teu tipo de vida (ἔρωσ βίου διαίτης τέ σου), o desejo de ficarem a viver contigo e partilharem o teu mundo” (ξυνοικεῖν τέ σοι καὶ ξυνεῖναι

τὸ πᾶν), são argumentos em que a *phýsis* domina, para a *captatio benevolentiae* de um auditório hostil. Mas, a partir deste ponto de confluência, a Poupa vai adiantando a noção de “uma grande prosperidade” (μέγαν τιν’ ὄλβον, 421), de um sentido de posse que faz parte do *nómos* como os homens o desenvolveram¹⁰.

REQUISITOS DE UM CONCEITO BÁSICO DE ‘CIDADE’: HARMONIZAÇÃO DE PHÝSIS E NÓMOS

Presas à ideia de um “grande plano” (μέγ’... βούλευμ’, 162) para as aves, como também para os anseios de Pisetero, paradigma do homem insatisfeito com o que a vida lhe oferece, vem, como noção de base, “a força” (δύναμιν, 163), resultado sem dúvida da natural hierarquia de fortes e fracos que a própria natureza determina¹¹. Δύναμις é aqui um termo que caminha da força própria de cada raça para uma conotação política, sendo que a primeira, se utilizada de modo hábil, resulta em “poder”, enquadrado numa lógica de proporção coletiva. A consequência ‘política’ dessa condição essencial da criação é conhecida dos homens, praticada pelas sociedades humanas na distinção de senhores e servos, poderosos e humildes, mas inconsciente na prática das aves, que continuam a existir em simples “convivência” (ξυνουσίας, 324). E no entanto, ao convocá-las para uma assembleia deliberativa, perante as novidades de fundo que lhes são propostas, Tereu evidencia, na prática, a consciência de alguma hierarquia, ou pelo menos ‘classificação’, das aves no seu quotidiano (227 sqq.). Mobiliza-as como “companheiras da raça alada” (ὁμοπτέρων, 229), acentuando o que as unifica como seu denominador comum, as asas, condição para que executem um plano de existência semelhante: o nomadismo como regime de vida e o vegetarianismo como dieta alimentar. Mas depois subdivide-as, entre as que povoam os campos e jardins, ou, mais além, as montanhas, vales e pântanos, ou, por fim, mais à distância as que planam sobre as ondas marinhas. Parece haver, na convocatória com que lhes requisita a presença, uma sucessão organizada, num progresso do que é próximo para o sucessivamente mais distante e, dessa forma,

¹⁰ Flashar 2000: 314 chama a atenção para o efeito de um materialismo civilizacional de que Pisetero se propõe contaminar as aves: “As aves, até então contentes com a sua vida natural, são persuadidas de que lhes falta qualquer coisa. Pisetero tornou-as insatisfeitas e estimulou nelas desejos com todas as artes da psicologia de massas”.

¹¹ A proporção entre fortes e fracos é, em Tucídides, uma condição de base para a organização política. A predominância da “força” de uns e o medo que condiciona os outros estão na base da distribuição do xadrez político na comunidade helénica (1. 75. 2-3, 1. 8. 2-3). Por seu lado Platão, em *Protágoras* 320c-321c, recorda o mito de Prometeu e Epimeteu e o encargo que, à altura da cosmogonia, lhes foi atribuído pelos deuses de dotarem cada criatura de diferentes δυνάμεις. Ora a distribuição tal como a prevê Epimeteu testemunha que por δυνάμεις se entende ‘capacidades ou características’ como velocidade, tamanho, atributos físicos de defesa, entre outros que têm a ver sobretudo com a atividade mais elementar e a sobrevivência.

do mais valorizado para o menos reconhecido. De toda a maneira, “a força” é um primeiro passo para adequar *phýsis* a um *nómos* coletivo e organizado.

Há depois que estabelecer as condições elementares à concretização da ‘ideia’ de cidade. E esse enunciado resulta de um contributo bilateral daqueles que são, à partida, ‘os congeminadores e construtores’ da nova cidade, homens e aves. Cada um deles intervém com uma contribuição distinta, de acordo, uma vez mais, com a raça que os contrasta. Dotados pela natureza com o privilégio da inteligência, os humanos assumem no plano uma iniciativa indiscutível. Como é próprio do seu grupo ‘natural’, Pisetero merece ainda de Tereu, que acabava de hierarquizar as aves, os epítetos que o distinguem como criatura talentosa e imaginativa, as mesmas qualidades que assistem ao poeta que o criou (255-257): “Porque está entre nós um velho engenhoso (δριμύς πρέσβυς), com pensamentos originais (καινός γνώμην) como originais são as empresas que congemina (καινῶν ἔργων τ’ ἐγγειρητής)”. E adiante, para calar qualquer dúvida das suas futuras aliadas, Tereu não hesita em lhe acrescentar o mérito de ser “um talento indizível” (ἄφατον ὡς φρόνιμος, 427). Mas não se fica Pisetero por esses atributos ‘biológicos’ e congénitos; como produto que é de Atenas, elaborou-os e sublimou-os, atingindo um perfil de enorme ‘sofisticação’ (429-430)¹²: “É um tipo matreiro que nem raposa, esperto, furão, sabido, um alho (πυκνότατον κίναδος, σόφισμα, κύρμα, τρίμμα, παιπάλημ’ ὄλον)”. Por isso, quando votos unânimes aplaudem a proposta e viabilizam a passagem à execução do plano, o Coro reconhece que as funções na nova cidade estão naturalmente atribuídas (636-637): o que exige “força e ação” (ὄσα ... δεῖ ῥώμη πράττειν) às aves; o que pressupõe “talento e decisão” (ὄσα δὲ γνώμη δεῖ βουλευεῖν) aos homens. Ou seja, todos reconhecem, nesta primeira atribuição de competências que precede a fundação da cidade ideal, que é de acordo com a natureza, e com origem nos seus ditames, que a distinção entre o que virão a ser os decisores e os executores é fixada.

Determinados os agentes de quem depende a execução do ousado plano, são então adiantados os elementos básicos que constituem a fórmula para a metamorfose de um πόλος numa πόλις. Impõe-se, antes de mais, a substituição da errância pela estabilidade e fixação, de resto como um primeiro requisito ao exercício do poder. E adequando o projeto às circunstâncias, há que alterar a atitude comum entre as aves – “voejar por toda a parte” (περιπέτεσθαι πανταχῆ, 165) –, por aquela que dá forma às sociedades humanas organizadas, o οἰκίζειν¹³ μίαν πόλιν («estabelecer, como residência, uma só cidade», 172-173), a implantação coesa de várias cidades. As aves irão então contribuir com ‘o lugar’, nuvens e

¹² Estes atributos de Pisetero correspondem aos que Estrepsiades espera adquirir do convívio com os sofistas, no Pensadoiro (*Nuvens* 260, 444-451).

¹³ Οἰκίζειν, οἰκεῖν, μεταοικεῖν são vocábulos que passam a fazer parte da nova cidade quando fundada e procurada pelos diversos imigrantes ou visitantes, como prova de que o πόλος das aves se tornou de facto uma πόλις (cf. e. g., 836, 967, 1107, 1109, 1277, 1280, 1307, 1319, 1345).

céu, a plenitude da *phýsis* no seu estado cósmico, se é preciso executar o plano de raiz. Mas o passo seguinte – a delimitação desse espaço com fronteiras e muralhas e o estabelecimento de uma armada (183-184, 378-379, 551-553), como uma primeira conceção de *nómos* –, essa é a parte reservada ao modelo humano que Atenas representa¹⁴. Muros e armada, logótipos de Atenas e do seu poder, por simbolizarem uma primeira delimitação de território, separam dois conceitos essenciais em qualquer comunidade, o de ‘eu’ e do ‘outro’, com uma inevitável relação hierárquica. São, para começar, no núcleo interno da cidade, condições de proteção da «família, casa e património» (380). Mas deixam também implícita uma relação de dominador e dominado. Pisetero não duvida de que é a partir do estabelecimento do fator ‘fronteiras’, que as aves ganharão autoridade sobre homens e deuses (185-186) e promoverão a consequência natural dessa supremacia, a cobrança de impostos (191-193). Consumado este objetivo, o resultado, ainda que paradoxal, obedece à lógica fantástica da peça: o que se conseguiu foi uma nova cidade, cujo território corresponde à amplitude indefinida de um espaço; assim, quando mais tarde, a deusa Íris penetra clandestinamente em Nefelococígia, invade ao mesmo tempo “a cidade e o espaço alheios” (διὰ τῆς πόλεως τῆς ἀλλοτρίας καὶ τοῦ χάους, 1218).

Progredimos no sentido do direito à “soberania” (βασιλεία, 477-478), que também obedece a condições em que as aves detêm privilégio. E a sua legitimidade em reivindicá-la, as condições que exige e os compromissos que implica junto dos governados, depois de enunciados por Pisetero, vão constituir matéria da própria parábase, em que as aves recapitulam e subscrevem o novo regulamento universal. Para começar, “soberania” e “antiguidade” são concomitantes. É a precedência que as aves têm sobre a própria Terra e sobre os deuses, na cosmogonia do universo, que lhes dá, quanto a este primeiro requisito, uma precedência indiscutível (481-482, 691). Portanto se, embora detentoras por legítimo direito dessa Soberania, a perderam, terão imperativamente de recuperá-la em

¹⁴ Cf. Tucídides 1. 7. 1. A iniciativa da construção de muralhas fomentou numa Hélade primitiva, de acordo com Tucídides, estabilidade, identidade e coesão, dos que partilhavam da segurança que uma fortaleza representava, por oposição aos que ficavam fora desses limites, como simples vizinhos ou como inimigos. Só então, abandonado o nomadismo por uma implantação estável, se progrediu para um outro estágio capaz de garantir tranquilidade e resistência. Sucedeu-se uma inevitável hierarquização política, sujeita a um jogo de dominadores e dominados. Porque Tucídides valoriza, neste preâmbulo arqueológico, a capacidade marítima como o principal fator de progresso e de supremacia, foi esse, do seu ponto de vista, o motivo que determinou o aparecimento de um primeiro foco de poder em Creta, onde Minos, um talassocrata, impôs uma reação eficaz contra o medo que campeava: o controle do mar e dos piratas que o povoavam. Os mais fracos aceitaram, com o supremo argumento do medo perante o perigo, submeter-se aos mais fortes (1. 8. 2-3), dando assim origem ao que veio a fazer lei no xadrez político contemporâneo de Tucídides e que o historiador identifica como parte da *phýsis* política: a supremacia do mais forte.

nome de uma ordem que se deseja regulada e legitimada por critérios claros e objetivos (549).

Até este momento tratou-se de replicar, para a fundação da nova cidade, os pressupostos que as aves e Atenas proporcionavam. Mas a partir de agora, em que há unanimidade nas linhas do projeto e condições de estrutura para avançar para a gestão social e ética da cidade, os modelos inspiradores servirão apenas de pontos de divergência para o que na nova *πόλις* – a que garante a tão sonhada *εὐδαιμονία* – serão inovações radicais.

A FANTASIA NA *PÓLIS* IDEAL

No fundamento da proposta que passa a enunciar como revolucionária, Pisetero dá prioridade absoluta à noção de ‘unidade’ (550-551): a nova cidade deve ser “uma só” (*μίαν πόλιν*) e a insistência com que “o todo” (*πάντα, πᾶν*) é associado ao mesmo princípio não deixa dúvida sobre a importância desta primeira condição. Bem ao contrário da realidade grega, por tradição fragmentada em cidades, no tempo concomitante à produção da peça separadas por longos e profundos conflitos, a unidade passará a reinar como um pressuposto da *εὐδαιμόνων πόλις*. E os seus limites são inclusivos, simplesmente “o céu inteiro em volta e todo o espaço intermédio”. Definida no seu contorno por muralhas, a *πόλις* irá converter-se em *πόλισμα* (“uma cidadela”, 553), numa imagem de coesão e segurança. Virá então o tempo de reivindicar de Zeus o poder (*ἀρχή*, 554), e de integrar num sinecismo universais deuses e homens (556-569). Os meios serão os da chantagem, se necessário, guerra ou perseguição contra os dissidentes, em nome de um objetivo maior.

Mas depois de conseguida a unidade elementar na nova comunidade, já se anuncia o automatismo das benesses, como em qualquer universo utópico. Utopia essa que Pisetero enuncia como seu autor e que o coro de aves, na parábase, ratifica e subscreve. Para a consumação de uma *eudaimonía* plena, tudo será espontâneo e gratuito, como é inevitável numa comunidade *ἀπράγμων*. Felizes vão ser os lavradores, em primeiro lugar, porque as aves se vão encarregar de lhes defender as culturas da invasão nefasta dos insetos, além de lhes indicarem com precisão o calendário agrícola mais favorável ao sucesso das suas fainas (588-591, 709-710, 723-726). Como segundos beneficiários vêm os armadores navais e homens de negócios, para quem “a riqueza” é essencial (*πλουτεῖν*, 592). Inexistente na experiência pré-civilizacional das aves, ela é um requisito indispensável aos homens. Mas, na nova comunidade, tudo será garantido para que o dinheiro não falte e se obtenha por meios lícitos. As aves hão-de encarregar-se de indicar-lhes as minas onde os metais preciosos se escondem¹⁵

¹⁵ Minas significavam, para os Atenenses, os jazigos de prata do Láurion, na Ática, que o Estado, seu proprietário, arrendava aos exploradores.

e de determinar o tempo propício para um comércio marítimo, próspero e sem riscos (592-601, 711). De modo que também aí haverá uma saudável unidade, “todos serão ricos” (πλουτήσετε πάντες, 735), prevenindo-se assim disputas ou ambições desmesuradas. O dinheiro servirá não como fator de necessidade ou de mesquinha ambição, mas de tranquilidade e prazer.

A estranha prioridade dada às benesses coletivas e materiais sobre os benefícios individuais mais elementares, como a saúde e a longevidade, é muito simplesmente justificada (604): “Se a vida lhes corre bem (εὖ πράττωσ’), não hão-de ter boa saúde?”. Logo as contingências de saúde e a necessidade de médicos¹⁶ estão arredadas pela maior das benesses, o simples bem-estar que a tranquilidade do quotidiano garante (604-605). Este benefício cúmplice de “riqueza e saúde” vem a ser consagrado pelo coro com uma única palavra, que funde os dois benefícios como a consequência natural um do outro, πλουθυγεία (731)¹⁷. Quanto a uma velhice prolongada e feliz, as próprias aves, em alguns casos detentoras de uma longevidade que os homens não conhecem, não terão dificuldade em a uniformizar como um novo padrão de existência (606-609).

Sem dúvida que os deuses não podem ficar ausentes da comunidade ideal que se vai esboçando. Lá terão, como é de regra, os seus templos e cultos. Mas também aqui uma profunda reforma ditará que, em vez das divindades do Olimpo, sempre gulosas de homenagens e de fausto patentes no mármore e ouro dos seus templos, irão ponderar, como deuses renovados, as aves, eficazes nas bençãos, mas modestas nas exigências, apenas instaladas sob a proteção de arbustos e de galhos (ὑπὸ θάμνοις καὶ πρινιδίοις οἰκήσουσιν, 615-616; cf. 717-718).

Revistas, no que parece essencial, as condições para uma vida harmoniosa dentro de uma cidade coesa e una, o coro pode finalmente celebrar, obtido o quadro completo (729-733): “Assim, com a nossa presença, havemos de dar-vos, a vós, aos vossos filhos e aos filhos dos vossos filhos, riqueza e saúde, vida, paz, juventude, alegria, danças, festas e leite ... de pássaro”¹⁸.

A atenção do coro na parábase é ainda focada na necessidade de harmonizar os novos *nómoi*, de modo a que até qualquer vulgar espectador que o deseje possa aderir a este invejável ζῶν ἡδέως (753-754). Mais uma vez as diferenças são, deste ponto de vista, radicais (755-756): “Porque tudo o que aqui fica mal (αἰσχρά) e é condenado por lei (νόμῳ), tudo isso fica bem (καλά) entre nós, no reino da passarada”. Os exemplos mais comuns multiplicam-se: bater no pai, promover os escravos em fuga, simular a cidadania que se não possui, são certa-

¹⁶ Cf. Aristófanes, *Acarnenses* 1030-1032 sobre a existência de médicos do Estado em Atenas.

¹⁷ Esta palavra, que é uma criação de Aristófanes, repete-se em *Cavaleiros* 1091, *Vespas* 677. A ideia contrária de que a pobreza afeta a saúde – “creio que nenhum pobre goza de boa saúde, mas está sempre enfermo” – é expressa por Sófocles, fr. 354. 6-7 Radt.

¹⁸ “Leite de pássaro” é uma expressão proverbial para referir o clímax da felicidade material, através de um *adynaton* (cf. *Vespas* 508 sqq.; Petrónio, *Satíricon* 38. 1).

mente banalidades no quotidiano ateniense. Mas todos esses comportamentos irão passar de reprováveis a tolerados ou mesmo louváveis, de acordo com as regras vigentes no mundo alado. Αἰσχρὸς e καλός ganham relevância como termos de avaliação ética neste contexto, a qualificar um sentido de νόμος, a regra social ou costume em toda a sua relatividade (757-758, 768; cf. ἀτίμοις, 766).

Há, porém, não podemos esquecer-lo, um último requisito que tem de ser assegurado: a uniformização de homens e aves, os grandes promotores desta fantástica *pólis*, para que haja uma verdadeira *κοινωνία*. Que o ponto de partida é de fratura radical está na consciência de todos, do coro antes de mais, que abre a parábase caracterizando uma e outra raça. No que é mais genuíno, a sua *phýsis*, os dois grupos têm tudo de contrastante. Aos homens marca a fragilidade e a decadência (685-687): “por natureza condenado às trevas, de uma raça semelhante às folhas¹⁹, criatura impotente modelada em barro²⁰, fantasma vago como uma sombra, ser efêmero carecido de asas, pobre mortal, homem igual a um sonho”. Por contraste, às aves, a robustez e a perenidade (688-689): “nós, os imortais, os eternos, os celestes, para quem a velhice não existe, mentores nas questões universais²¹. Mas se a dificuldade é grande, a receita a aplicar não é menor; apenas muita criatividade pode encontrar para o diferendo a fórmula fácil e eficaz: um par de asas. Basta comer uma simples raiz, que o laboratório da natureza oferece, para que o milagre se consuma (654-655).

A EUTOPIA: A REFORMULAÇÃO APERFEIÇOADA DE UM MODELO ANTIGO

Estão criadas todas as condições para se passar da teoria à prática. Agora que os agentes da revolução estão identificados com os seus contributos próprios, que o plano da nova cidade foi elaborado e aceite, resta somente ‘concretizar a eutopia’. Todos os trâmites seguidos como essenciais neste processo de execução mais não são do que aqueles que a cidade real consagrou; portanto o modelo continua a ser Atenas. Basta que se retire, a cada uma dessas intervenções básicas, os defeitos de que, com o tempo, a sociedade humana as foi poluindo para as renovar à altura da nova cidade que se deseja ‘perfeita’. Mais do que ‘inventar’, o que está em causa é ‘corrigir’, não criar uma verdadeira ‘utopia’, mas uma desejável ‘eutopia’. Para concretizar dramaticamente este processo corretivo, o enunciado dos pressupostos avançado pelos autores da cidade em fundação – os dois aventureiros e o coro de aves – confronta-se de imediato com a visita sequencial daqueles que são, nas suas missões ou atributos, a encarnação viva dos defeitos a repudiar.

¹⁹ Alusão ao conhecido símile das folhas de *Iliada* 6. 146-149; cf. ainda 21. 463-466. Sobre os termos em que continua a caracterização da criatura humana, cf. Ésquilo, *Prometeu* 547-549.

²⁰ Cf. Hesíodo, *Trabalhos e dias* 61-82, Apolodoro 1. 7. 1.

²¹ Cf. *Iliada* 24. 88, Hesíodo, *Teogonia* 545.

As primeiras preocupações vão para aspetos abstratos, fundamentais como condições para a determinação de um destino que se deseja εὐδαιμών. Em primeiro lugar o nome, como pressuposto elementar de identidade, fica a cargo de Pisetero e de Evélpides (809-810) e sem dúvida que terá como requisitos ser “grande e glorioso” (μέγα και κλεινόν, 810), à medida do destino que se presagia para a própria cidade que passará a designar. Mas perante a proposta de “Esparta”²², de acordo com o que seria normal propor para “a cidade” (τῆ πόλει, 809, 812) genericamente entendida, Evélpides toma consciência de que o que está em causa não é “a cidade”, ‘uma qualquer cidade’, mas “a minha cidade” (τῆμῃ πόλει, 815). E para essa, com a sua natureza tão peculiar, o nome há-se ser inspirado “nas nuvens e no espaço celeste” (818-819), tendo em comum com os nomes de cidade apenas um atributo, o de “pomposo” (χαῦνον, 819). Νεφελοκοκκυγία (819) é verdadeiramente um achado, porque, além de retratar a identidade da nova urbe, tem o lustro que para a própria cidade se deseja (λιπαρόν, 826)²³.

Determinante é também a escolha da divindade padroeira e, sob este aspeto, a solução é fácil e consensual: Atena, com o seu epíteto de πολιάς, “citadina, protetora da *pólis*” (828), parece talhada para a função.

A partir deste momento, cada etapa da constituição de Nefelococigia passa por um processo de correção claro em relação ao modelo ateniense, porque agentes bem conhecidos como tipos urbanos em Atenas vão marcar presença. Todos eles são indesejáveis, não porque não devam existir, mas pela forma como existem e pela mediocridade de competência e ambição de objetivos que manifestam. A necessidade de um sacrifício propiciatório esteve clara nas preocupações de Pisetero desde o primeiro momento (810-811). E agora que é chegada a hora de o realizar, eis que um Sacerdote comparece para prestar os esperados serviços (849, 862). Só que o exagero das evocações que desfia é manifesto (865-888) e põe Pisetero em desespero. Não se ajusta à simplicidade que se deseja para a urbe em formação. Por isso, com a concordância do coro, o aventureiro se adianta a fazer “sozinho” o sacrifício (θύσω μόνος, 894), tendo em conta igual sobriedade nas invocações, “uma apenas” (ἓνα τινα μόνον, 899).

Se às preces se ligam naturalmente os elogios da cidade em fundação, a vinda do Poeta não deixa de ter todo o propósito. É ele, de resto, o primeiro a juntar ao nome recém-achado para a *pólis* dos alados o almejado epíteto de εὐδαιμών: Νεφελοκοκκυγίαν τὰν εὐδαίμονα (904-905). Mas afinal neste “servo diligente das Musas, como diz Homero” (909-910, 913-914), vai revelar-se o tipo antiquado, convencional, desinspirado e, em cima de toda essa mediocridade,

²² De resto um jogo de palavras entre o nome da cidade e o esparto, uma planta de fibras resistentes usada em diversas indústrias, como o fabrico de esteiras para os leitões.

²³ Este, de acordo com o testemunho de Aristófanes (*Acarnenses* 639-640), era um epíteto vulgarmente aplicado a Atenas.

interesseiro e pedincha, sem lugar na cidade inovadora em nascimento²⁴. Ainda que premiado com “um gibão e uma túnica” (933), o Poeta acaba expulso como um primeiro ‘τὸ κακόν’ (956; cf. 992, 1036) dos vários que Nefelococígia terá de enfrentar.

Com a vinda do Intérprete de Oráculos (959), passamos à necessidade de prever um bom futuro e, com ele, um vislumbre de governo para a nova cidade, porque este tipo de adivinhos era conhecido como um colaborador da demagogia e como um aliado dos políticos na captação do voto popular²⁵. Sob o tristemente famoso discurso enigmático e demagógico do profeta, que promete a quem o presentear, como mínimo, a ascensão a “águia entre as nuvens” (978), esconde-se o não menos conhecido interesse por alguns proventos pelo seu ‘trabalho’. Não supreende, portanto, que este seja mais um dos ἀλάζονες (1016) expulso da nova cidade.

Talvez o Intérprete de Oráculos seja o elo de articulação entre o que são ainda presságios para o futuro da cidade e os passos concretos que é preciso dar para formatar Nefelococígia. E entre esses passos – dado o nome, e feitos sacrifícios e votos – está, como etapa fundadora, a delineação urbanística do espaço. Nesse sentido é oportuna a vinda de Méton, o geómetra, não fosse a sua proposta ser um completo desarrazoado de linhas e planos, que o torna, como os que o precederam, um colaborador indesejável para o processo de fundação em curso²⁶. Mas, depois dele, entramos em crescendo pela via da odienta corrupção política, como se os motivos que levaram os dois exilados a deixar Atenas os perseguissem agora na galáxia das aves; de facto, com a chegada do Inspetor e do Vendedor de Decretos – que, de resto, se juntam em cena por tudo o que têm em comum – vem aquilo que Atenas, como cidade organizada, tem de pior,

²⁴ Sobre a paródia poética produzida nesta cena, *vide* Silva 2007: 106-110.

²⁵ É este o perfil do intérprete de oráculos que Aristófanes desenvolve em *Cavaleiros*. De resto Tucídides (8. 1. 1) confirma o mesmo poder de intervenção destas personagens, ao atribuir-lhes uma quota de responsabilidade nas grandes expectativas criadas em torno da expedição à Sicília.

²⁶ Méton era bem conhecido como geómetra e astrónomo. Razões de outro nível justificam a sua popularidade no momento, que é também o motivo que despertou para ele a atenção dos cómicos. Lembra Sommerstein 1987: 264 a escusa que Méton arranajara, para si próprio e para o filho, para não participar na campanha da Sicília no ano anterior de 413 a. C. Vários testemunhos (Plutarco, *Nícias* 13. 5 sqq., *Alcibíades* 17. 5 sqq.) comentam um incêndio de origem mal conhecida, numa casa de Méton, que lhe serviu de pretexto para se isentar do encargo de armar e comandar um navio na recente campanha. A intervenção de Méton em *Aves* representa um eco paródico de reais preocupações científicas em voga no momento, como seja o problema da ‘quadratura do círculo’ e da inscrição dentro desse espaço de figuras poligonais (cf. Antifonte fr. 13 D.-K.; Anaxágoras A 38 D.-K.; e ainda Guthrie 1962: 270). Apesar de a urbanística grega, a partir de Hipódamo de Mileto, dar em geral preferência ao plano ortogonal (rede de vias paralelas e perpendiculares entre si), Cantarella 1956: 155 lembra que era radial, por exemplo, o plano da cidade de Túrios, da autoria do mesmo Hipódamo. É óbvio como este padrão, semelhante ao astro solar, se apropria à cidade das nuvens e dos cucos.

as perseguições e os processos. É a invasão dos *nómoi* e a pressão que exercem sobre os cidadãos que já se anuncia. É como «vendedor de leis novas» que este último visitante se apresenta (νόμους νέους ... πωλήσων, 1037-1038)²⁷, a começar pelas que regulam “medidas, pesos e decretos” à semelhança dos praticados em Atenas, como matriz de um império. Representam, portanto, não a satisfação de uma necessidade regulamentar, mas a aceitação de um controle e subserviência perante um poder exterior, que, em Nefelococígia, é o próprio absurdo. Por isso a reação de Pisetero é radical, expulsão imediata, onde a ironia pondera com o uso estratégico da palavra em discussão, νόμοι. Às leis «novas» que lhe são propostas, ele opõe «as leis duras» (πικρούς ... νόμους, 1044-1045) que vigoram já na cidade que se quer proteger de tal doença.

Como conclusão deste desfile, o coro tem uma intervenção em que chama a si a execução de todas as tarefas que, na cidade ideal, substituem as que acabam de lhe ser propostas com a sua já testada deformação. A nova cidade necessita de deuses protetores e de um poder regulamentador, com certeza; mas essa será a primeira prerrogativa das aves, a nova autoridade instituída (1058-1060): “Daqui em diante, é a mim que tudo vejo e tudo rejeito, que os mortais, todos eles, vão fazer sacrifícios”. A cidade necessita de coesão; παντ- enfaticamente repetido – παντόπτα καὶ παντάρχα θνητοὶ πάντες²⁸ – oficializa em definitivo a necessária unidade, quer do poder, quer da organização coletiva. Aos votos e presságios enunciados, as aves substituem promessas concretas e benesses generosas. São radicais e nítidas as suas regras: “Salvo e faço medrar os frutos ...» (1062), «Mato” (1063, 1067, 1071) tudo o que danifica a natureza. Dos insetos daninhos às culturas, o coro passa aos oportunistas daninhos na preservação de uma sociedade saudável (1071-1087). Assim consegue a desejável preservação de uma *phýsis* e de um *nómos* em uníssono, promissores de segurança e prosperidade. Garantidas essas condições, o coro pode enfim celebrar, como εὐδαίμων, a raça dos alados (εὐδαίμων φύλον πτηνῶν, 1088), que passará a integrar uma cidade não menos “feliz”. A natureza assegurará aquilo que agora depende do trabalho e do esforço dos homens: a proteção contra os rigores do calor e do frio não necessita de esquadrias urbanísticas nem de habitações; é oferecida pela natureza, pela “sombra da folhagem” e pelo “côncavo das grutas” (1089-1098); a alimentação dispensa maiores requintes, quando abundam “as bagas virginais do mirto branco e os frutos do jardim das Graças” (1099-1100). E se muralhas tem de haver, como condição para o estabelecimento de fronteiras e para o reconhecimento da própria noção de ‘cidade’, as notícias que chegam do estaleiro são a prova suprema de como *phýsis* e *nómos* podem colaborar. O resultado que já

²⁷ Este uso de νόμος deixa clara a sobreposição de sentido que entretanto se produziu com ψηφίσματα, “decretos”.

²⁸ O mesmo παντ- prossegue na alusão às benesses concedidas (πάσαν ... γὰν, παμφύλων ... θηρῶν, ἅ πάντα, γέννυσι παμφάγοις, 1061-1065).

se anuncia não ficou aquém dos melhores auspícios: a tarefa “saiu obra apurada! Um trabalho perfeito!” (κάλλιστον ἔργον καὶ μεγαλοπρεπέστατον, 1125). Mas para obter tal resultado, obra exclusiva das aves, bastaram os seus dotes naturais, a configuração do seu corpo (1133-1163). Os melhores artistas, pedreiros e carpinteiros, foram dispensados – e, com eles, os salários respetivos (1152) –, porque as aves intervieram com talento (σοφώτατα, 1144, σοφώτατοι, 1155), usando buchos, bicos, patas, asas e penas para satisfazer todas as necessidades habituais de uma construção. Estava dado o exemplo supremo da harmonia profunda que o cosmos parece ter garantido entre “natureza e cultura”, e que só por degenerescência a raça humana se encarregou de fraturar. Revelação que parece inacreditável, de tão evidente. Um “até parece mentira!” (ἴσα γὰρ ἀληθῶς φαίνεται μοι ψεῦδεσιν, 1167) constitui, perante tal milagre, a vénia tirada à ficção cómica, só ela capaz de repor ‘a verdade’ universal oculta sob aparências opacas.

TESTE FINAL DOS RESULTADOS

Como é comum em diversas peças de Aristófanes (*Acarnenses*, *Paz*, *Mulheres na Assembleia*, *Pluto*), depois de forjado e aprovado o plano que sustenta a intriga, ele é posto à prova pela vinda, em desfile diversificado, de uma série de amigos e de inimigos, que louvam ou contestam o protagonista vencedor. A mesma estratégia é posta à prova em *Aves*, agora que a construção de Nefelocógia foi planeada e consumada com a aprovação de Pisetero, Evélpides e dos alados. Íris, em representação dos deuses, encarna as resistências, enquanto o Parricida, Cinésias e o Sicofanta representam a consonância entusiástica que o projeto colheu da parte dos homens. Logo a cidade recém-fundada é posta à prova diante de inimigos e amigos, uns e outros obrigados a uma adequação à nova ordem do universo.

O confronto desencadeado entre os deuses e Nefelocógia é da ordem do ‘direito internacional’ (ἀδικεῖς, 1221, δικαιοτάτ’, 1222). Está em causa a soberania e defesa externa da nova cidade, representada pela eficácia dos seus limites e muralhas. Inconscientes das alterações produzidas, os deuses infringem as regras, devassam fronteiras, numa tentativa de manterem as prerrogativas de outros tempos. O debate começa por ser burocrático: Íris atravessou o espaço, agora restrito, sem os documentos nem as autorizações e carimbos mais elementares (1172-1174, 1189-1190, 1195, 1208-1218). Mas por trás da burocracia, está o poder (ἄρχομεν, 1226) e a hierarquia que ele estabelece, sendo aos mais fortes que cabe a imposição da autoridade e, com ela, das novas regras a observar (τῶν κρείττωνων, 1228). Esta é a oportunidade para notificar os deuses da sua destituição como senhores supremos do universo, agora que as aves os substituíram (1236-1237). Com ameaças de guerra contra Zeus e de violação contra a deusa recalcitrante, Pisetero encerra o episódio, abrindo espaço ao coro para a celebração da sua vitória, nesta primeira frente de batalha (1264-1267).

Mas já de entre os humanos regressa um arauto com notícias opostas. Os méritos, que antes as aves em geral tinham reconhecido no talento de Pisetero, são agora superlativados por um mensageiro em êxtase perante tamanho sucesso (1271-1273): “Pisetero, oh felizardo! Homem de tutano! Corre longe a tua fama! Homem de tutano, sim! Rei dos finórios! Felizão!” (ὦ Πεισέταιρ', ὦ μακάρι', ὦ σοφώτατε, ὦ κλεινότατ', ὦ σοφώτατ', ὦ γλαφυρώτατε, ὦ τρισμακάρι'...). E como obra de tão grande talento (σοφία, 1274), a cidade é também reconhecida como “a mais gloriosa” (κλεινοτάτην, 1277), capaz de despertar paixões (1316), obra e artista partilhando epítetos semelhantes.

Tudo porque entre os homens, depois de informados da nova gestão do universo, se gerou um entusiasmo indizível, para que o poeta encontra uma terminologia fulgurante: “têm a mania da passarada” (ὄρνιθομανοῦσι / ὄρνιθομάνου / ὄρνιθομανῶ, 1284, 1290, 1344), sofrem de «ornitofilia», ou seja, vão a caminho de uma verdadeira metamorfose (φιλορνιθία, 1300). Por isso estão em processo de imigração (τοῖς ἐποίκοις, 1307) massiva para Nefelocócia, assegurando com essa determinação uma qualidade essencial na nova cidade, a de que se torne “populosa” (πολύανορα τάνδε πόλιν, 1313). Entusiasmo de resto justificado pelas qualidades que uma cidade ideal deve oferecer aos seus habitantes e que não faltam em Nefelocócia (1318-1322): “Aliás, que atrativo (τί καλόν) lhe falta para chamar habitantes? Sabedoria (σοφία) tem-na ela, Amor, as Graças imortais, e da doce Tranquilidade (ἡσυχίας) o rosto sereno”²⁹.

Como anunciado pelo arauto, os imigrantes começam a chegar. Apesar das tentativas de adaptação que Pisetero sugere a cada um deles, a verdade é que nenhum se mostra moldável ao novo mundo, de tal forma são neles arreigados defeitos comuns na Atenas real. Por isso, depois de uma tentativa frustrada de adequar os seus objetivos aos *nómoi* que se pretende para Nefelocócia, todos são afastados. O primeiro a chegar é o Parricida, seduzido pelos *nómoi* inovadores que imagina existam na nova cidade (1343b- 1345)³⁰, sobretudo em relação a uma questão que lhe interessa, a legitimidade de sovar o pai (καλὸν νομίζεται τὸν πατέρα ... ἄγχειν, 1348)³¹. E não se engana, porque, como qualquer cidade que se preze, Nefelocócia já se orgulha de ter “leis sem fim” (πολλοὶ γὰρ ὄρνιθων νόμοι, 1346). Mais ainda, da nova cidade as contradições habituais entre os diferentes *nómoi*, às quais está subjacente o contencioso tendencial entre lei e natureza, também não estão ausentes, como o tema ‘respeito pelos progenitores’ pode

²⁹ Esta alusão aos benefícios da cidade sugere os cantos trágicos de elogio a Atenas, como, por exemplo, Sófocles, *Édipo em Colono* 668-719.

³⁰ Konstan 1995: 33 valoriza a importância que o *nomos* tem no mundo grego como caracterizador de diferentes comunidades. Heródoto é desse critério um exemplo expressivo, pela forma como vincula, a cada grupo étnico, os seus *nómoi*.

³¹ Cf. *supra* 755-759. Princípio semelhante é discutido a respeito do comportamento de Fidípides, em *Nuvens* 1427-1429.

provar. Pisetero confirma a legitimidade, espontaneamente estabelecida entre algumas aves, de bater no pai, em consequência do natural crescimento das crias que se impõem aos progenitores (ἀνδρεῖόν γε πάνυ νομίζομεν, 1349), ou seja, como um ditame da própria natureza (*phýsis*). Mas mais forte do que esta ‘tendência’, é a “lei antiga escrita nas tábuas das cegonhas” (1353-1354), detentora de uma tradição e formalidade que lhe dá um outro crédito. E essa, já com foros de um verdadeiro *nómos*, recomenda a obrigação retributiva de os filhos cuidarem, por sua vez, dos pais. Pela sua antiguidade afinal as aves já fizeram também o seu percurso civilizacional.

Seguem-se Cinésias, o poeta nova vaga, e o Sicofanta. Das aves pretendem um par de asas, que, corrigindo-lhes a natureza, lhes facilite as tarefas da sua preferência. Cinésias deseja voar em procura de inspiração para os seus prelúdios (1384-1385); para ele, a missão de poeta esgota-se em voos etéreos, errâncias ao sabor dos ventos, em toda a fantasia que se instalou entre os criadores do ditirambo³². Move-o uma pura δεξιότης, a mestria esgotada em busca de arruobos estéticos, sem um verdadeiro sentido de νουθεσία, “a utilidade do conselho”, que por tradição a cidade espera dos verdadeiros inspirados das Musas³³. Pisetero, por seu lado, não prescinde, na nova cidade, do verdadeiro contributo dos poetas; por isso propõe a Cinésias que cumpra a sua verdadeira função, a de “instruir” (διδάσκειν, 1405) um coro. E é só porque o visitante não está disposto a cumprir essa missão que é excluído da cidade que se quer perfeita.

O Sicofanta é, na sequência de visitantes, o caso limite. Detestado em Atenas como corrupto e delator, este personagem vem em busca de um par de asas que lhe permita, com mais eficácia, levar a cabo as odiadas denúncias e perseguições. Recebe, mesmo assim, de Pisetero uma oportunidade de se recuperar, adotando

³² Sobre a intervenção de Cinésias na evolução da música nas últimas décadas do séc. V a. C. em Atenas, vide Pickard-Cambridge 1968: 44 sqq. Outras referências à poesia de Cinésias em Aristófanes, com as suas características habituais, encontram-se em *Lisístrata* 838, 852, 860, *Rãs* 1437 sqq., *Mulheres na assembleia* 330. Lawler 1950: 78-88 analisa o perfil cómico do poeta, tentando inferir dele os seus traços reais. Os versos de Cinésias, na versão cómica, são repletos de voos, asas e da imensidade das altas camadas nebulosas, batidas por ventos e neves (cf. *Paz* 827-831), com abundância de compostos aparatosos. Ao pôr na boca de Cinésias uma definição do ditirambo, como tudo o que é alado, etéreo, de um azul sombrio e profundo (*Aves* 1388 sqq.), Aristófanes parece atribuir ao género uma natureza graciosa e plena de fantasia. Sobre os aspetos inovadores do ditirambo, vide Ruijgh 1960: 318-322.

³³ Estas são as qualidades enunciadas em *Rãs* (1009-1010) como essenciais à excelência de um poeta. Porque se no *agôn* que opõe Ésquilo e Eurípides nos infernos as divergências são em geral profundas, neste ponto, surpreendentemente, os dois contendores estão de acordo; é o conselho, a capacidade de influenciar positivamente a opinião pública, ou seja, a missão didática da poesia e a utilidade dos poetas como educadores da cidade o que distingue os melhores, coadjuvado, como qualidade anexa, pelo talento, a excelência e o toque de génio que garante a superioridade do pensamento e da expressão, que se testa como o modo por que o conselho impressiona e ganha eficácia.

“outros modos de vida sensatos” (ἕτερα ... ἔργα σώφρονα, 1433), que permitam a um jovem ganhar a vida de uma forma mais justa. Para obter essa alteração essencial do *nómos* que, em Atenas, legitima o Sicofanta, Pisetero responde com o *lógos*, o poder da argumentação e da palavra. “Dar asas pela palavra” (λόγοις ἀναπτερεῖσθαι, 1437-1450), eis a fórmula para educar um jovem nos princípios subjacentes à vida em coletivo. Servindo-se da banalidade das conversas de barbearia – como das expressões que nelas se vulgarizaram –, Pisetero propõe-se aplicar à política a mesma terapia que se aplica a outras vocações, “dar asas para a equitação” ou “dar asas para a tragédia”. Neste caso o alvo a atingir é o *voûs* (1447), “o modo de pensar” (1447-1450): “É pela palavra (ὑπὸ λόγων) que o pensamento (ὁ νοῦς) voa e o homem se eleva. Por isso depois de te arranjar umas asas, quero encaminhar-te, com argumentos honestos (χρηστοῖς λόγοις), para um trabalho legítimo (ἔργον νόμιμον)”. Com este enunciado, Pisetero acaba de estabelecer, perante o mais flagrante dos desvios sociais, o Sicofanta, o segredo da excelência ‘política’: aquela que se obtém sobrepondo à *phýsis* um *nómos* inspirado no bom senso e nos princípios éticos. Esta é a coesão entre os dois conceitos que de facto promove a verdadeira *arete* e promete a desejada *eudaimonía*.

Dadas provas do rigor com que as mesmas normas da cidade real, em modelo corrigido, se podem aplicar na cidade perfeita, a peça acaba, como é de regra na comédia, com a consagração do vitorioso Pisetero. E para isso é preciso, enfim, dobrar os deuses às exigências da nova autoridade do universo, para que todos os atributos de uma hierarquia suprema sejam conferidos às aves. Após a visita de uma controversa embaixada dos Olímpicos, em que Posídon, Hércules e Tribalo divergem quanto aos objetivos da missão para que estão mandatados, finalmente a concordância universal faz-se pela cedência dos atributos do pai dos deuses – o cetro e a Realeza – aos senhores de Nefelococígia. Se o cetro simboliza, nas negociações, a transferência de poder, Basileia, “a Realeza”, que é dada por esposa a Pisetero, simboliza tudo aquilo que faz do poder uma mola de felicidade e progresso. Quem é afinal Basileia? (1537-1541): “Uma mulher de truz! É ela que administra o raio de Zeus e tudo o mais, a sensatez, a justiça, a moderação (τὴν εὐβουλίαν, τὴν εὐνομίαν, τὴν σωφροσύνην), os arsenais, os insultos, o tesoureiro, os trióbolos”. A identificação dos predicados da Realeza é paródica, sem dúvida, quando, às qualidades essenciais à boa harmonia da comunidade, junta os tradicionais fatores de perturbação da vida ateniense. Talvez porque tão importante seja deter as qualidades abstratas, quanto dominar os vícios concretos a que a *pólis* real está sujeita. “Se a tiveres, tens tudo!” (1543) – havia alertado Prometeu, o mesmo que antes dera aos homens a sobrevivência com a concessão do fogo, e agora lhe dava o segredo da *eudaimonía* com a revelação da Realeza divina.

Já se fazem ouvir as palavras do arauto, desta vez para anunciar a boda de Pisetero e Realeza, como coroação de uma vitória total. Agora sim, pode saudar sem reservas “a raça bem-aventurada das aves voadoras” (τρισμακάριον πτηνὸν

ὀρνίθων γένος, 1707), e aquele que, por mérito próprio, se tornou “senhor em próspera mansão” (τὸν τύραννον ὀλβίοις δόμοις, 1708), “criatura bem-aventurada a quem coube um bem-aventurado destino” (μάκαρα μάκαρι σὺν τύχῃ, 1721). A suprema felicidade chega pela presença de Basileia, a noiva, “de uma beleza indizível”, envolta em perfumes inefáveis e nas brisas suaves que dispersam o aroma dos incensos (1712-1715). A perfeição instalou-se na cidade onde as dádivas puras da *phýsis* se uniram ao talento humano, o de um ateniense iluminado, conhecedor dos *nómoi* de uma cidade real que, se reformados, são a alavanca de uma verdadeira *eudaimonía*.

BIBLIOGRAFIA

- Cantarella, R. (1956), *Gli uccelli*. Milano: Einaudi.
- Flashar, H. (2000), “Men and birds”, *Humanitas* 52: 311-320.
- Guthrie, W. K. C. (1962), *A history of Greek philosophy*, I. Cambridge: Cambridge University Press.
- Konstan, D. (1995), *Greek comedy and ideology*. Oxford: Oxford University Press.
- Lawler, L. B. (1950), “Limewood Cinesias and the dithyramb dance”, *TAPhA* 81: 78-88.
- López Férez, J. A. (1997), “Nómos chez Aristophane”, in Thiery, P., Menu, M. (eds.), *Aristophane: la langue, la scène, la cité*. Bari, Levante Editori: 379-395.
- Mastromarco, G., Totaro, P. (2006), *Commedie di Aristofane*. II. Turino: Unione Tipografico-Editrice Torinese.
- Nelson, S. (2016), *Aristophanes and his tragic muse*. Mnemosyne, Supplement 390. Leiden: Brill.
- Pickard-Cambridge, A. W. (1968), *Dithyramb, tragedy and comedy*, ed. revis. by Webster, T. B. L. Oxford: Clarendon Press.
- Ruijgh, C. J. (1960), “Aristophane, *Oiseaux* 1372 sqq., *Grenouilles* 1316 sqq. et le sens de πόδα κυλλόν”, *Mnemosyne* 13: 318-322.
- Silva, M. F. (2007), *Ensaíos sobre Aristófanes*. Lisboa: Cotovia.
- Sommerstein, A. H. (1987), *Aristophanes. Birds*. Wiltshire: Aris and Philips.